

MÉTODOS DE PESQUISA PARA INTERNET

CONSELHO EDITORIAL
DA COLEÇÃO CIBERCULTURA

André Lemos
Alex Primo
Clóvis Barros Filho
Denize Araújo
Erick Felinto
Francisco Menezes
Juremir Machado da Silva
Luis Gomes
Paula Sibia
Raquel Recuero
Simone Pereira de Sá
Vinicius Andrade Pereira



MÉTODOS DE PESQUISA PARA INTERNET

Suely Fragoso
Raquel Recuero
Adriana Amaral



Editora Sulina

@ Editora Meridional/Sulina, 2011

Capa: Letícia Lampert
Projeto Gráfico: SOLO EDITORAÇÃO/Niura Fernanda
Editoração: Niura Fernanda
Revisão: Mariane Farias
Revisão gráfica: Miriam Gress

Editor: Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

F811m Fragoso, Suely
 Métodos de pesquisa para internet / Suely Fragoso, Raquel Recuero
 e Adriana Amaral. – Porto Alegre: Sulina, 2011.
 239 p. – (Coleção Cibercultura)

ISBN: 978-85-205-0594-6

1. Internet – Pesquisa Científica. 2. Metodologia da Pesquisa –
Internet. 3. Redes Sociais – Pesquisa. 4. Cibercultura. I. Recuero, Raquel. II.
Amaral, Adriana. III. Título

CDU: 001.891:004

A grafia desta obra está atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 – conj. 101
CEP: 90035-190 – Porto Alegre – RS
Tel.: (51) 3311.4082 Fax: (51) 3264.4194
sulina@editorasulina.com.br
www.editorasulina.com.br

Janeiro / 2011

Essa história de idealismo, de pesquisa pura, da busca pela verdade em todas as suas formas, está tudo muito bem, mas chega uma hora que você começa a desconfiar, que, se existe uma verdade realmente verdadeira, é o fato de que toda a infinidade multidimensional do Universo é, com certeza quase absoluta, governada por loucos varridos.
(Douglas Adams, *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, 2009 [1979], p. 190)

Sumário

Agradecimentos | 9

Prefácio | 11
Alexander Halavais

Introdução | 17
Suely Frágoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral

Parte I – Perspectivas sobre a pesquisa empírica

Panorama dos Estudos de Internet | 27

Construção de Amostras | 53

Teoria Fundamentada | 83

Parte II – Apropriações Metodológicas

Estudos de Redes Sociais | 115

Análises de Hiperlinks | 139

Abordagens Etnográficas | 167

Referências | 205

Sobre as autoras | 231

Glossário | 233

Índice Remissivo | 237

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos são dedicados a todos aqueles que, de alguma forma, direta ou indiretamente, colaboraram com a criação deste livro. Em especial, destacamos:

a Editora Sulina, mais especificamente o Editor Luis Gomes, por acreditar na proposta;

o CNPq pelo apoio às nossas pesquisas;

o colega Alexander Halavais, que contribuiu com o texto do Prefácio;

a amiga e colega Simone de Sá, que colaborou elaborando os textos complementares;

os nossos alunos e orientandos, que colaboraram nas pesquisas que utilizamos como exemplos;

os nossos queridos Robin e Ian Lane, Ricardo e Emilia Araujo e Fabrício Castro pela presença, carinho e compreensão.

PREFÁCIO

O cientista social de hoje se encontra diante de uma oportunidade magnífica. A internet coloca o mundo social, em todo seu desarranjo e complexidade, na soleira da sua porta. Os métodos empíricos e as teorias simplistas da metade do século vinte parecem inadequados para desatar esse nó górdio. E podem muito bem ser. Porém, isso não implica abandonar a perspectiva empírica, mas reinventar nossos processos e técnicas.

Há um grande debate sobre a exata natureza do empiricismo, mas suas origens podem ser relacionadas a uma reação contra a antropomorfização da natureza. Os movimentos dos céus, se observados cuidadosa e sistematicamente, representam um sistema de relações causais cuja existência pode ser considerada independente das emoções ou das vontades humanas. Terremotos e vulcões não resultam de brigas entre os deuses ou de sua fúria com a humanidade, mas de relações que obedecem a padrões complexos, que nós, observadores humanos, somos capazes de reconhecer e, dada a natureza de nossas observações. O fato de que essas observações são possíveis e são úteis não torna a “música das esferas” ou uma erupção vulcânica menos magnificamente aterradoras – desde uma perspectiva individual, esses fenômenos não perderam sua magia. Porém o empiricismo nos deu novos olhos para ver coisas que, de outro modo, não veríamos e novos modos para falar uns com os outros sobre o que essas coisas significam; modos de superar nossos limites individuais, mesmo quando estamos observando a nós mesmos e às nossas sociedades.

O empiricismo se baseia na capacidade dos observadores concordarem a respeito de uma representação de suas experiências, ou seja, de suas percepções do mundo. Mesmo quando não existem múltiplos observadores, o empiricismo requer que se assuma que alguém outro, em nosso lugar, faria os mesmos tipos de observação e as representaria de modo semelhante. Mesmo nas ciências naturais, advêm daí algumas questões complicadas sobre o que pode ser observado e, ainda, se qualquer observação pode, de fato, ser generalizada. Com algumas exceções relativamente simples – embora nem sempre triviais – as observações da sociedade são muito mais difíceis de reproduzir com exatidão. Não apenas as experiências sociais são sempre vinculadas a um momento histórico particular e complexo, mas, num certo sentido, elas não são parte do mundo natural, material. Estruturas sociais são imaginadas coletivamente, embora nem por isso sejam menos reais.

Interações sociais em ambientes online acrescentam outra camada de virtualidade ao objeto da observação ou, mais exatamente, tornam mais óbvio o quanto as interações sociais são efêmeras. A interação social online, particularmente nas primeiras pesquisas na internet, era uma coisa fora do “espaço da carne” e a rede era vista como um reino angélico para o discurso e para a sociedade mediada. Nos anos seguintes, algumas das melhores pesquisas sobre a internet e a sociedade reconheceram que as interações online raramente são exclusivas do mundo online. Mesmo assim, dado que, quando se trata de relações sociais, muito pouco divide o “virtual” e o “real”, a ideia de que nós podemos ser observadores e intérpretes neutros dos comportamentos sociais permanece um desafio.

E é mesmo um desafio. Ninguém jamais disse que a ciência social é fácil. Porém, as recompensas do envolvimento em pesquisas de base empírica e metodologicamente consistentes fazem com que esse desafio valha a pena. Em uma passagem famosa, Bernard Baruch notou que “Todo homem tem direito à sua própria opinião, mas nenhum homem tem direito de estar errado em seus fatos”. Realmente, a definição poderia ter agradado Durkheim, para quem

o estudo da sociologia era o estudo dos *faits sociaux*, entendidos como aqueles elementos da estrutura social que são, em certo sentido, generalizáveis ou dominantes em relação a peculiaridades individuais. Nós não temos liberdade para criar nossos próprios fatos sociais, nossa única esperança é descobri-los.

Vamos evitar a armadilha de essencializar a investigação empírica, ou de assumir que ela requer adesão a modelos epistemológicos positivistas ou hipotético-dedutivos. O empiricismo define um conjunto de instrumentos e modos de usá-los. Eles são as ferramentas favoritas dos cientistas sociais, mas isso não significa que eles permaneçam apenas em nossas mãos. Nada impede um *flâneur* de assumir uma perspectiva que reconhece comportamento e estrutura para além do indivíduo, por exemplo. O empiricismo é mais *techné* que *episteme* – não que esses dois possam alguma vez ser totalmente separados. O empiricismo representa um *modus operandi* que permite construção colaborativa em prol de compreensão compartilhada – compreensão que vai além tanto do indivíduo que observa quanto do que é observado. Ele nos permite mudar de perspectiva e, ao mesmo tempo, ajuda a fazer com que os outros enxerguem as coisas como nós as vemos.

Os primeiros cientistas naturais desenvolveram instrumentos de medição que lhes permitiram ter certeza que suas experiências não eram exclusivas ou individuais. Eles fizeram isso através da criação de comparações entre observações do mundo natural – métricas que viabilizaram alguma consistência nas observações por diferentes observadores. Talvez uma das narrativas mais emblemáticas da Renascença seja a de Galileu aprendendo a fabricar as lentes para construir seu próprio telescópio. O telescópio e o microscópio representam instrumentos para a compreensão de aspectos do mundo natural que, sem eles, não são visíveis. Eles permitem novas visões, nas quais a medição se dá conforme um sistema de referência distanciado do indivíduo. Essa extensão dos sentidos também é necessária nas ciências sociais. A internet constitui uma representação de nossas práticas sociais e demanda novas formas de observação, que requerem que os

cientistas sociais voltem a fabricar suas próprias lentes, procurando instrumentos e métodos que viabilizem novas maneiras de enxergar.

Novas perspectivas são necessárias, particularmente porque a interação social em ampla escala é muito difícil de observar, o que torna a percepção da estrutura social especialmente difícil. Há quem considere que a habilidade de fazer previsões seja o teste mais seguro da boa teoria. A previsão em ciência social é particularmente rara, mas a mesma dificuldade acontece em relação aos problemas interessantes das ciências naturais. Quando os sistemas se tornam suficientemente complexos, eles se tornam inerentemente imprevisíveis. Nós podemos ser capazes de dizer – abstratamente – como a chuva cai, mas isso não significa que somos capazes de prever o tempo no final de semana.

Os processos sociais são muito mais como o tempo do que como as órbitas dos planetas. A grande quantidade de coisas que acontecem a cada momento torna a previsão difícil. O crescimento da sociologia e da ciência social empírica no último século nos mostra que nós podemos fazer algumas previsões a respeito do comportamento humano com base em teorias, particularmente em nível macro, estatístico. Essas previsões tendem a ser generalidades estatísticas descritivas – a temperatura em Singapura em agosto costuma estar em torno de 31 graus Celsius – e não situações específicas – traga seu guarda-chuva na próxima terça-feira. Em outras palavras, nós podemos dizer algo a respeito do “clima” social, mas menos sobre o “tempo” social.

Na maior parte dos casos, entretanto, nós estamos especialmente interessados nessas observações mais práticas e baseadas em regras do que nas leis mais abstratas e teóricas da vida social. Existem várias abordagens para compreender os ambientes sociais baseados em regras, mas elas requerem uma abordagem flexível do empiricismo, e, particularmente, da questão da generalização. Elas demandam que aceitemos que, embora nossos achados não possam ser generalizados através do tempo ou para outros contextos, as perspectivas da investigação empírica – abordagens baseadas em observações rigorosas e transparentes – continuam sendo poderosos

aliados do pesquisador que quer dizer mais sobre os sujeitos de sua pesquisa que sobre si mesmo.

Esses instrumentos e perspectivas científicas – quando separadas das visões de mundo estritamente hipotético-dedutivas que simplificam demais a experiência social – sempre foram usados nas humanidades. A análise de redes sociais, por exemplo, tem provado ser um instrumento particularmente apto para a compreensão de uma sociedade que se encontra cada vez mais estruturada como uma rede e que utiliza novas ferramentas de rede, e já era utilizada por antropologistas e sociólogos há décadas, sem que isso implicasse a necessidade de reduzir as relações sociais a causalidades simples. Mesmo nas humanidades, as abordagens computacionais têm aberto caminho e, enquanto as “humanidades digitais” eram um campo relativamente marginal no final do século XX, muitos agora as consideram parte essencial do conhecimento humanístico contemporâneo.

A pesquisa social sempre foi difícil, e a possibilidade de ser capaz de observar a sociedade em uma escala ampla sempre pareceu remota. Mas a internet deu aos cientistas sociais um presente. Esse presente, como todos os presentes, veio com uma obrigação. A internet nos permite ver mais interações sociais do que jamais esperávamos, e agora nos deparamos, em muitos casos, com o excesso de uma coisa boa. Que esperança temos de fazer sentido de dados tão complexos? Esta é uma questão que agora atravessa todas as ciências – todos nós compartilhamos o novo mundo dos sistemas complexos.

Parte da resposta é que nós precisamos daquilo a que Joël de Rosnay denominou, em 1979, um “macroscópio”: um instrumento para compreender a enorme complexidade da vida social online. É claro que nenhuma ferramenta isolada pode prover isso, mas um conjunto de técnicas fornece perspectivas que são úteis. Como sempre, há o perigo potencial de que deixemos que os nossos instrumentos nos usem. Tanto o crítico dos métodos empíricos quanto o pesquisador ingênuo podem assumir que a ferramenta em si mesma produz a pesquisa. Um violino bem afinado pode ser

tocado com sentimento, mas, sem treino ou disciplina, mesmo o mais sensível dos músicos está fadado à cacofonia. Do mesmo modo, o cientista social competente não precisa conferir seus interesses, sua convicção política ou seu conhecimento na soleira da porta. O fim para o qual esses instrumentos de pesquisa são utilizados é tão importante quanto a virtuosidade com que são empregados.

Os melhores cientistas sociais da atualidade estão aprendendo uns com os outros quais métodos empíricos funcionam bem, aplicando-os em novos contextos e compartilhando seu trabalho e forma transparente com a comunidade de pesquisadores. A sociedade em rede nos força a trabalhar de novas maneiras e a estudar a sociedade de modos igualmente novos. Ela nos força a pensar novamente sobre nossos instrumentos, e ter certeza que eles são apropriados para as tarefas a que os aplicamos. Ao encarar esse desafio, nós nos preparamos para nosso próprio Renascimento na compreensão da sociedade.

Alexander Halavais¹
New York City, outubro de 2010.

¹Alexander Halavais é Professor Associado na *Quinnipiac University* e vice-presidente da *Association of Internet Researchers (AoIR)*. Obteve seu título de Ph.D. em Comunicação na *University of Washington* e é Graduado em Ciência Política pela *University of California at Irvine*.